



Blecaute

Revista de Literatura

Campina Grande (PB) – Nº21

Jul - Dez - 2020

ISSN: 2238-930X

CONTOS

CONTO**MADRES**

por Isabor Quintiere

No final das contas, foi uma decisão inconsciente. Tive a oportunidade de matá-lo quando ainda era pequeno e frágil, até mesmo logo após seu parto longo e exaustivo, realizado na calada da noite e com o auxílio de ninguém além de Zaíra. Ter mantido sua cabecinha debaixo d'água por alguns instantes teria sido suficiente, mas existe algo no momento em que uma mãe vê o filho gerado em seu ventre por meses... Algo em finalmente poder tocá-lo e segurá-lo, mantê-lo próximo ao seu coração, que está além de explicações terrenas. Quando vi meu filho, fui tomada pelo inigualável sentimento de protegê-lo de todas as ameaças desse mundo terrível, a todo custo, e tão forte foi esse sentimento que desabei em lágrimas ao mesmo tempo em que sorria como nunca na vida. Zaíra hesitou antes de me deixar tomá-lo em meus braços, mas enfim cedeu e eu o segurei enquanto ele chorava, anunciando noite adentro o milagre de estar vivo. Observei seu corpinho como observaria a coisa mais fantástica já engenhada, mas quando ergui os olhos para Zaíra, em pé ao lado da banheira, percebi em suas feições não a alegria de quem testemunha a conexão pura entre uma mãe e seu filho, mas a compreensão de que seus conselhos não seriam seguidos. Ela olhava para meu bebê e entendi, naquele momento, o que ela julgava que teria de fazer com suas próprias mãos. Meu sorriso se desmanchou e, quando nossos olhares enfim se encontraram, apertei meu filho contra meu peito e fui possuída pela certeza animalésca de que teria que matá-la.

Então eu matei Zaíra, ali mesmo, com a tesoura destinada ao cordão umbilical do meu filho. Não poderia esperar ou me permitir o luxo do descanso. Na primeira oportunidade, ela o tiraria de mim e faria com ele o que eu prometi que faria eu mesma, mas não tive a coragem. Acabada a comoção, me limpei, limpei meu filho e o amamentei no chão do banheiro, olhando Zaíra iluminada pela luz da lua. Antes eu teria sentido alguma coisa, pena ou culpa, imagino, mas eu havia me tornado uma mãe e na natureza não existe misericórdia para quem atenta contra uma prole. Pensei nas últimas palavras de Zaíra antes que a ponta afiada da tesoura perfurasse sua garganta, como ela gritava sobre eu estar cometendo um grande erro, e ainda – que audácia! – como eu precisava matá-lo, precisava pôr um fim àquilo, que seria pior, muito pior, e... e... e, não sei. Nunca completou a frase.

Deixei esses pensamentos de lado e acariciei o rosto de meu filho, enquanto ele se alimentava em paz, seguro nos meus braços. Seguro para sempre. Deslizei um dedo por seu nariz e qualquer resquício de dúvida me abandonou quando seus quatro pares de olhos amáveis abriram-se preguiçosamente, me olhando com ternura e me assegurando de que eu havia feito a coisa certa.

Meu filho cresceu rápido e com saúde. Eu tinha por ele todo o amor do mundo. Acompanhei cada etapa de seu crescimento, desde a queda de seu primeiro dente de leite até a sua primeira troca de pele no inverno de 1992. Excetuando-se a única vez em que escapara do lar, jamais me deu trabalho; era obediente, quieto e alimentava-se apenas uma vez por semana, com bodes ou porcos que eu comprava no açougue

e o mantinham saciado por dias. Era também carinhoso, tinha por mim um genuíno apreço. Quando criança, abatia pássaros em pleno vôo no quintal e os empilhava sobre minha cama como demonstração de afeto – o que causava uma grande sujeira, mas eu relevava por amor. Às vezes, fazia o mesmo com gatos que subiam os altos muros de nossa casa, mas as ocasiões de encontrar corpos de gatos na minha cama tornaram-se mais raras conforme meu filho cresceu, amadureceu e desenvolveu um apetite por eles. A princípio me preocupei, mas tão logo vi que os animais desciam por sua longa garganta sem dificuldade, sem engasgá-lo, e passei a permitir que fizesse tais lanches entre suas refeições semanais.

Vivemos felizes assim por mais de uma década. O observei tornar-se imponente, superar-me em tamanho, vi crescer pelos escuros que desciam por suas costas em uma cascata sedosa – cabelos da cor dos meus. Cresceu de uma forma que a casa espaçosa mal o servia, e me vi optando por vender a maior parte de nossos móveis para facilitar a locomoção de seu corpo agora enorme e musculoso pelos cômodos. Apenas meu quarto permaneceu intacto, com a cama grande onde dormíamos juntos nas noites mais frias, seus lençóis ainda portando insistentes manchas de pássaros e gatos passados. A venda dos móveis não foi suficiente, porém, para aquietar a angústia de meu filho ocasionada pela falta de espaço. Percebia sua inquietação crescente e o desejo em seus olhos de ir além dos muros, conhecer mais do que apenas os metros quadrados onde nasceu. Sofri como sofreria qualquer outra mãe: me entristecia não poder conceder ao meu amado tudo o que ele queria, mas eu sabia bem o suficiente que expô-lo ao mundo exterior o colocaria em perigo. Eu não estava disposta a assumir esses riscos.

Tendo dito isso, ainda é doloroso para mim confessar que falhei. Cometi o erro de ter subestimado sua inteligência, e jamais me perdoarei por isso. Jamais será fácil falar sobre isso.

Aconteceu em uma manhã quente de maio de 2001. Meu querido filho havia passado os últimos dias mais irrequieto do que de costume, então fui cedo ao açougue com a intenção de comprar os materiais para preparar uma refeição especial, que acalmasse seus pobres nervos. Nos últimos anos, seu comportamento tornara-se errático e temperamental, destoante da doçura que apresentava em sua infância, mas atribuí isso apenas à fase da adolescência que começava a enfrentar. Tinha para com ele uma paciência extrema, era compreensiva como uma boa mãe seria, mas me faltavam os recursos para canalizar apropriadamente a nova energia acumulada em meu rebento. Ele passou a comer também os pássaros que deixava em minha cama, e em certo ponto arrancou-me um pedaço do braço esquerdo quando fui tentar tirar de seus dentes os restos de uma rolinha; um pequeno acidente que manchou os tapetes com meu sangue mas que rapidamente relevei como ocasionado pela turbulência emocional daquela fase de sua vida.

A questão é que decidi preparar um banquete para agradá-lo. Saí pelo portão maciço de nossa casa – que, admito, assemelhava-se a uma fortaleza em proteção – e descí a rua, somente após certificar-me de que todas as trancas estavam fechadas. Encontrei no caminho alguns de meus vizinhos, cujos nomes, assim como os dos demais vizinhos, eu ignorava. Eles me observaram como sempre faziam, seus olhares denunciando suas opiniões sobre mim – em parte me achavam louca, em parte me temiam por não saber nada a meu respeito, por morar em uma residência fechada de onde se ouviam rosnados e para onde eu levava tantos animais abatidos. Soube que

cogitavam a ideia de que eu criava, em meu quintal, uma pantera ou leão, como se fosse eu uma caçadora clandestina, mas eu era apenas uma mãe e criava apenas meu filho, exatamente como tantas outras ali faziam. Eram olhares como aqueles que me lembravam da importância dos muros e das trancas de minha casa.

O açougue não era distante, então não levou mais do que vinte minutos até que eu estivesse saindo de lá com sacolas abarrotadas de pedaços de bode e porco. Assim que pus os pés na calçada, porém, o ar foi cortado por terror e gritos; urros de súbito preencheram cada parcela do espaço num frenesi impensável, e meu coração foi inundado pela mais profunda apreensão concebível quando vi ser arrastado pelo asfalto o corpo de algum homem – ou ao menos seu quadril e pernas, pois seu tronco estava reduzido a uma massa disforme e sangrenta presa firmemente entre as três fileiras de caninos da boca de meu filho. Assisti, incapaz de me mover, enquanto meu amado, meu bem mais precioso, regozijava-se em todos os seus cinco escamosos metros de comprimento ali, em céu aberto, completamente desprotegido, jogando a cabeça para trás para que o homem descesse sua garganta abaixo tão facilmente quanto fariam pássaros e, assim, deixando à mostra a jugular para que qualquer uma daquelas criaturas vis que gritavam e corriam pela rua a perfurasse se assim achasse conveniente.

Estava tão consumida pelo horror de vê-lo tão terrivelmente exposto que por um longo minuto eu nada pude fazer. Só quando ouvi sirenes à distância recobrei meus movimentos, larguei as sacolas e corri em sua direção, chamando por ele, “meu filho! meu filho!”, mas tão entretido estava meu garoto que ele sequer me deu ouvidos, pelo contrário, prosseguiu em matança, prendendo jovens entre suas garras, apanhando mulheres e lançando-as no ar para abocanhá-las em um salto, subindo nas viaturas que se aproximavam e esmagando quem estivesse dentro delas com suas toneladas, enfim, devastando como nunca, devastando com uma alegria infantil, lavando de sangue a ladeira de nosso bairro. Eu corria, tentava agarrar-me às suas pernas, implorava em lágrimas para que parasse, mas minha voz era inaudível em meio aos gritos, às sirenes e ao caos. Meu filho ia morrer e eu estava desesperada.

Não sei ao certo quanto tempo levou ou quanto caminho foi percorrido nesse massacre até que surgissem homens fardados e seus tanques, mas eles surgiram e, quando corri em sua direção os implorando que não atirassem, eles apontaram suas miras para além de mim e dispararam contra meu filho, abriram buracos entre seus olhinhos e através de sua garganta e em seu peito, e juro que lembro de cada gota de sangue que espirrou desses buracos e do guincho agonizante que escapou de sua boca e ressoou por toda a cidade quando ele, atingido, tombou contra uma casa, destruindo-a com seu peso morto. Jamais senti ou sentirei dor tão dilacerante quanto a que me possuiu quando me aproximei dele e o vi se contorcendo em seus segundos finais.

Pousei a mão sobre seu rosto e, lembro bem, jamais esquecerei, seus quatro pares de olhos voltaram-se para mim com o medo de quem não entende o que está acontecendo e então meu filho morreu, ali, em meio aos destroços, em meio às sirenes, abatido como um animal, aniquilado como um monstro, perfurado e assassinado a céu aberto.

Desabei. A multidão se agrupou ao meu redor, ainda que mantendo grande distância, mas eu os ignorava e ignorava os cadáveres e todo e qualquer sangue que não fosse o que saía de meu filho. Meu luto me foi negado, homens me agarraram pelos

braços e me levaram para longe. Não resisti, não havia mais motivo para tanto. Não sei o que fizeram com seu corpo, mas suponho que o puseram em um camburão e o levaram para longe, promoveram testes, dissecaram e expuseram seus órgãos que eu mesma gerei em meu ventre. O trataram como um mísero experimento. O trataram não como a criatura amada a qual dei à luz mas como um mísero experimento, como nada além de um mutante genético, quando fora sempre tão saudável e tão cheio de vida.

Jamais descobri como ele escapou de nosso lar, tampouco posso dizer que busquei a resposta com afinco. Tenho vivido miseravelmente sem ouvir os profundos sons guturais que emitia, alegre, ao me ver chegar do açougue. Os invernos, que agora passo sem ter que recolher sua pele morta após uma muda, são os mais difíceis. Dele restou apenas as marcas de garras e dentes nas portas e paredes, a cicatriz em meu braço esquerdo, as manchas de sangue em tapetes e lençóis, o cheiro almíscar e terrível de meu filho.

Recentemente desenterrei os ossos de Zaíra do meu quintal, só para olhar para eles, e quando o fiz lembrei da expressão em sua face quando viu meu filho em meus braços. Hoje entendo melhor sua expressão. Hoje carrego a mesma. *

***ISABOR QUINTIERE** (PARAÍBA) – Ficcionalista e professora. Formada em Letras – Inglês e mestranda em Literatura, ambos pela UFPB. Autora de “A cor humana” (Escaleras, 2018). Ganhou o prêmio Odisseia de Literatura Fantástica na categoria Narrativa Curta Horror.